



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Registro: 2025.0000279882

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos estes autos de Apelação Cível nº 1003688-64.2024.8.26.0081, da Comarca de Adamantina, em que é apelante ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS MUTUARISTAS PARA BENEFÍCIOS COLETIVOS - AMBEC, é apelado IDELFONSO AJALA MEDINA.

ACORDAM, em sessão permanente e virtual da Núcleo de Justiça 4.0 em Segundo Grau – Turma III (Direito Privado 1) do Tribunal de Justiça de São Paulo, proferir a seguinte decisão: **Deram provimento em parte ao recurso. V. U.**, de conformidade com o voto do relator, que integra este acórdão.

O julgamento teve a participação dos Desembargadores IRINEU FAVA (Presidente sem voto), GILBERTO FRANCESCHINI E PAULO TOLEDO.

São Paulo, 24 de março de 2025.

MARA TRIPPO KIMURA

Relator(a)

Assinatura Eletrônica

VOTO Nº 2839

APELAÇÃO CÍVEL Nº 1003688-64.2024.8.26.0081

COMARCA: ADAMANTINA

ORIGEM: FORO DE ADAMANTINA – 2ª VARA

JUIZ(A) 1ª INSTÂNCIA: CARLOS GUSTAVO URQUIZA SCARAZZATO

APELANTE: ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS MUTUARISTAS PARA BENEFÍCIOS COLETIVOS – AMBEC

APELADO: IDELFONSO AJALA MEDINA

DIREITO DO CONSUMIDOR. APELAÇÃO. ASSOCIAÇÃO. DESCONTO EM BENEFÍCIO PREVIDENCIÁRIO. INEXISTÊNCIA DE RELAÇÃO JURÍDICA E INDENIZAÇÃO POR DANOS MATERIAIS E MORAIS. SENTENÇA DE PROCEDÊNCIA. IRRESIGNAÇÃO DA RÉ.

I. CASO EM EXAME.

1. Autor alega descontos indevidos em seu benefício previdenciário realizados pela associação requerida, sem contrato ou autorização.

2. Sentença de procedência, declarando a inexistência da relação jurídica e condenando a ré à devolução em dobro dos valores descontados e ao pagamento de indenização por danos morais.

3. Recurso da ré.

II. QUESTÃO EM DISCUSSÃO.

4. A questão em discussão consiste em: (i) verificar a legitimidade dos descontos realizados no benefício previdenciário do autor e (ii) o cabimento da indenização por danos morais.

III. RAZÕES DE DECIDIR.

5. Ausência de preenchimento dos requisitos necessários exigidos pelo INSS para a adesão à associação. Adesão realizada por meio de contato telefônico não autorizada pela Instrução Normativa n.º 28/2008 do INSS. Declaração de nulidade dos débitos como medida de rigor.

6. Dano moral não configurado. Descontos mínuos. Ausência de impacto na sobrevivência do autor.

IV. DISPOSITIVO.

7. Recurso parcialmente provido.

Vistos.

Trata-se de apelação interposta pela ré contra a r. sentença de fls. 146/157, cujo relatório é adotado, que julgou procedente a demanda, com a seguinte parte dispositiva: “*Ante o exposto e tudo mais que dos autos consta,*

JULGO PROCEDENTES os pedidos formulados por IDELFONSO AJALA MEDINA em face de ASSOCIAÇÃO DE APOSENTADOS MUTUALISTA PARA BENEFÍCIOS COLETIVOS (AMBEC), para fins de (i) DECLARAR a inexigibilidade dos descontos a título de “CONTRIB. AMBEC 0800 023 1701” direto do benefício previdenciário do autor (fls. 34/44); (ii) CONDENAR a parte ré à devolução em dobro dos valores descontados indevidamente do benefício previdenciário do autor, atualizados desde a data dos respectivos desembolsos e acrescidos de juros legais de 1% a partir da citação e (iii) CONDENAR a parte ré ao pagamento do valor de R\$ 10.000,00 (dez mil reais), a título de danos morais, valor este que deverá ser corrigido monetariamente desde a prolação desta sentença pela tabela prática do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, incidindo juros de mora desde o primeiro lançamento, extinguindo o feito com resolução do mérito, com fundamento no artigo 487, inciso I, do Código de Processo Civil.” (fls. 156).

A r. sentença, ainda, condenou a ré ao pagamento das verbas de sucumbência, fixados os honorários advocatícios em 20% sobre o valor da condenação.

Em recurso (fls. 160/168), a ré sustenta, em síntese, que: i) inexistiria ato ilícito, estando comprovada a contratação; ii) não estariam comprovados os danos morais, pleiteando, subsidiariamente, sua redução. Assim, pediu o provimento do recurso.

Tempestivo e preparado (fls. 171 e 208), o recurso foi processado.

Contrarrazões às fls. 212/225.

Não houve oposição ao julgamento virtual.

É o relatório. Fundamento e decidido.

Cuida-se, na origem, de ação declaratória de inexistência de débito c/c pedido de indenização por danos materiais e morais movida por

IDELFONSO AJALA MEDINA em face de ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS MUTUARISTAS PARA BENEFÍCIOS COLETIVOS – AMBEC, em que o autor relata, na petição inicial, que identificou descontos indevidos em seu benefício previdenciário realizados em favor da requerida, denominado “*CONTRIBUIÇÃO AMBEC – 0800.023.1701*”, desde julho/2023, no valor mensal de R\$ 45,00. Sustenta que não reconhece qualquer contrato ou autorização que justifique tais descontos. Diante disso, pleiteia a declaração da inexistência da relação jurídica, a devolução em dobro dos valores descontados indevidamente e a condenação ao pagamento de indenização por danos morais. Anexou documentos, incluindo histórico de créditos do I.N.S.S. (fls. 34/45).

Deferida a tutela de urgência para que a requerida suspenda os descontos no benefício do autor (fls. 51/52).

Citada, a requerida apresentou contestação (fls. 58/89), defendendo a regularidade da contratação.

Após réplica (fls. 132/143), sobreveio a r. sentença de fls. 146/157, declarando nula as cobranças efetuadas, condenando a ré à devolução em dobro dos valores indevidamente descontados e ao pagamento de indenização por dano moral no valor de R\$ 10.000,00.

Pois bem.

I – Da ilegalidade da contratação

Inicialmente, cumpre destacar que a relação jurídica estabelecida entre as partes deve ser analisada à luz do Código de Defesa do Consumidor, já que a ré se enquadra no conceito de fornecedor/prestador de serviço, nos termos do artigo 3º de referido diploma legal.

Nesse sentido, com a inversão do ônus da prova, cabia à demandada, nos termos do artigo 373, inciso II, do Código de Processo Civil, comprovar a existência de fato impeditivo, modificativo ou extintivo do direito do demandante, ônus do qual não se desincumbiu.

Da análise minuciosa dos autos, constata-se que a ré fundamenta a regularidade da adesão discutida na demanda em uma gravação telefônica que, supostamente, evidencia a anuência do autor à sua filiação à associação. Ocorre, contudo, que a adesão realizada exclusivamente por meio de contato telefônico é expressamente **vedada** pelo Instituto Nacional do Seguro Social (I.N.S.S.), órgão responsável pela efetivação dos descontos.

Nesse sentido, dispõe a Instrução Normativa n.º 28/2008:

“(...) Art. 3º - Os titulares de benefícios de aposentadoria e pensão por morte, pagos pela Previdência Social, poderão autorizar o desconto no respectivo benefício dos valores referentes ao pagamento de empréstimo pessoal e cartão de crédito, concedidos por instituições financeiras, desde que: (...) III - a autorização seja dada de forma expressa, por escrito ou por meio eletrônico e em caráter irrevogável e irretratável, não sendo aceita autorização dada por telefone e nem a gravação de voz reconhecida como meio de prova de ocorrência. (...)”

Para além de tal circunstância, como é cediço, é dever da prestadora de serviços garantir a demonstração de informações claras, corretas e precisas ao consumidor, conforme leciona o artigo 31 da legislação consumerista:

“A oferta e apresentação de produtos ou serviços devem assegurar informações corretas, claras, precisas, ostensivas e em língua portuguesa sobre suas características, qualidades, quantidade, composição, preço, garantia, prazos de validade e origem, entre outros dados, bem como sobre os riscos que apresentam à saúde e segurança dos consumidores.”

Todavia, não foi isso o que efetivamente ocorreu no caso em análise. Da oitiva do áudio disponibilizado pela ré às fls. 73, com duração de 3 minutos e 16 segundos, verifica-se que o autor recebeu uma ligação e o atendente Rafael Barbosa após as confirmações de dados, efetuou a leitura do “termo de consentimento” de maneira ardilosa e acelerada, e ao fim, indagando-o pausadamente se o mesmo confirmava.

O que se verifica, na verdade, é que o autor, pessoa idosa (64 anos – fls. 31), sequer teve tempo hábil para processar as informações transmitidas pela funcionária da associação, sendo induzido a manifestar a sua concordância sem plena compreensão do que estava sendo ofertado. Além disso, há trechos do áudio em que não é possível sequer identificar, com a mínima clareza, o que está sendo dito do outro lado da transmissão, o que compromete ainda mais a alegada regularidade da contratação.

Demais disso, inexistente qualquer comprovante de contratação eletrônica livre e consciente pelo autor, com autenticação, biometria facial, documento de identidade do consumidor, conversas via telefone, SMS/WhatsApp e/ou geolocalização, o que permitiria inequívoca comprovação da adesão associativa nos moldes apresentados. Pelo contrário, a contratação eletrônica, via telefone, se deu camuflada em suposta concessão de benefício ao autor.

Logo, diante da ausência de comprovação nos autos quanto ao interesse e à plena ciência do autor acerca de sua filiação aos quadros associativos da ré, bem como das consequências decorrentes desse ato, impõe-se o reconhecimento da inexigibilidade de qualquer valor descontado a título de contribuição ou taxa associativa, além da consequente restituição dos montantes indevidamente subtraídos.

Quanto à restituição do indébito na forma dobrada, não houve insurgência recursal, de forma que também fica mantida.

II – Da indenização por dano moral

No que tange aos **danos morais**, não restam configurados.

Os descontos iniciaram em julho/2023 (fls. 34), no valor de R\$ 45,00, atingindo em torno de 1% do valor total auferido a título de aposentadoria (R\$ 4.394,17). O valor é irrisório, não tendo gerado impacto na sobrevivência do autor. A ação foi ajuizada somente em agosto de 2024 (fls. 01/29). A situação revela que os descontos não impactaram na sobrevivência do requerente. O quadro exclui aflição ou impotência da parte consumidora.

Demais disso, não houve cobrança vexatória e nem intimidativa. E, embora alegue na petição inicial que “*procurou resolver o impasse de forma amigável*” (fls. 06), não há nos autos prova da busca de solução na esfera extrajudicial, e, como cediço, *allegatio et non probatio, quasi non allegatio* (alegação sem prova é como se não houvesse alegação).

Desse modo, apesar da declaração de inexistência, não houve danos morais.

III – Da conclusão

Dessa forma, **dou parcial provimento ao recurso da requerida para excluir a indenização por danos morais.**

Vencida parcialmente na demanda a parte autora, ante a ausência de acolhimento do pleito por danos morais, é o caso de se redistribuir os encargos de sucumbência.

Deverá haver o rateio, por igual, das custas e despesas processuais, bem como ao pagamento de honorários advocatícios do patrono da parte contrária, conforme artigo 85, caput, do Código de Processo Civil.

Arcará a parte autora com os honorários dos patronos da parte requerida, fixados em 10% do valor atualizado da indenização por danos morais reclamada na inicial, observada a justiça gratuita (fls. 51).

Por conta do reduzido proveito econômico decorrente da demanda, arcará a parte requerida com o pagamento de honorários dos patronos da parte autora, agora fixados, por equidade, em R\$ 800,00.

Finalmente, para evitar futuros questionamentos desnecessários, tenho por expressamente ventilados, neste grau de jurisdição, todos dispositivos legais e constitucionais citados em sede recursal.

Observo ainda que a função do julgador é decidir a lide de modo fundamentado e objetivo, portanto desnecessário o enfrentamento exaustivo de



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

todos os argumentos elaborados pelas partes.

Ante o exposto, pelo meu voto, **DOU PARCIAL
PROVIMENTO** ao recurso.

MARA TRIPPO KIMURA

Relatora